

# O RETIRANTE.

ORGAN DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES E ANUN-  
CIOS : GRATIS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

PREÇO DA ASSIGNATU-  
RA : 14000 MENSARS.

Anno I. □ Fortaleza — Domingo, 22 de Julho de 1877. □ M. N. 5

## O RETIRANTE.

FORTALEZA, 22 DE JULHO DE 1877.

O Retirante prosegue em sua missão—defendendo o povo com seus direitos irrecusaveis, e censurando o governo que o abandona á miséria, á nudez, á fome e ao desespero.

A calamidade publica já existe.

E' tempo portanto do povo exigir que em seu beneficio se cumpra a promessa constitucional.

A emigração é espantosa, e a continuar a provincia ficará deserta.

Chegam diariamente caravanas de infelizes que tropeçam de fome como se treme de frio.

E o governo não receia a indignação popular?

O desespero muitas vezes é arma de victoria, como a palavra é uma grande machina de guerra.

A palavra está na imprensa, dizendo—alerta e a desesperação vai chegando ás victimas que descreem do soccorro do poder.

O que faz o governo?

Nada.

Tantos homens robustos pedem trabalho e o governo lhe diz—mendigae.

Não vê que a esmola avilta?

Já temos peste, companheira da fome, e a população está aterrada.

E quando isso se dá a assembléa provincial felicita ao Sr. Estellita l...

E' que cada deputado quer empregar um parente, e cada um quer uma mamata para um afilhado.

O presidente da provincia tem razão de envergonhar-se, porque bem conhece o seu merecimento.

Bom seria que palacio estivesse rodeado dos indigentes que percorrem ás ruas, na occasião em que S. Exc. fosse felicitado.

Satisfaca ao povo Sr. presidente. Cumpra o seu dever.

### Cartas ao Rei.

#### I.

SENHOR.

« A liberdade da imprensa é a respiração do corpo social.»

Cortejamos-vos!

O povo cearense sofre e morre á fome e yós, como Balthazar, banquetenis-vos alem-mar!

Não é dado descrever o nosso miserando estado. Não póde baver peor.

Luctuosas são as noticias que chegam-nos do sertão.

Ali, resignadas victimas tombam aos milhares. E o seu ultimo suspiro é um suspiro de mal-dição.

São sempre retumbantes e enternecidos, para nós, homens do povo, os gritos do afflieto.

Elles se fazem ouvir de um á outro extremo. Ligam o finito ao infinito. Despertam e enternecem a Divindade.

O povo soluça transido de afflicção sobre o cadaver da patria, como o propheta Geremias, sobre as ruinas de Jerusalem.

Como o rosto cadaverico, orvalhado de pranto, tremulo de frio e fome, implora, supplica, aquillo que por um sagrado direito lhe assiste. E os infames do poder lhe escarram no rosto, e o não escutam.

Singe-nos uma cadeia horriavel e estreita-se ella com rapidez vertiginosa.

A miseria e a fome, esta figura sinistra e que se nos representa mais magra que as sete espigas egypcias tem suspenso sobre nossas cabeças o seu incançavel e adunco alphange.

Imaginae vós e vossos vis satrapas o que é morrer á fome l...

Se o povo não cumprir o seu dever, que é o mais sagrado dos direitos, isto é, não tratar de reagir contra os obices que nos apresenta o vosso governo morreremos todos de fome e inermemente, como victimas de epidemia cholerica.

Só Deus dispõe de nossa vida, e... mais ninguém.

Dentro em breve a imposição substituirá a—supplica.

Não vos esqueceis de que o povo é soberano. Nada mais nobre e justo do que uma reacção opportuna.

O vosso governo vilipendia-nos e assassina-nos, como se fossemos criminosos justificados! Miseria! Degradação!

Não vedes, que elle leva-nos, como cordeirinho, ao matadouro?

Consentis n'isto, Senhor? Desbriam-vos! Agita-se o norte!

Esta inacção popular é um suicidio.  
Ao povo aconselhamos—reagi!

Já não sois aquelle povo tímido dos tempos idos, que em crises identicas se deixava surrar como se fosse um vil escravo!

As estradas estão juncadas de homens, mulheres e creanças, baqueadas, extenuadas e moribundas, que, agonisantes, se debatem com furia epileptica, nas vascas extremas de uma agonia lenta.

Pelos desertos sertões ouve o viajero uma orchestra horrivel: confundem-se os gemidos das victimas com pio do mocho agoureiro e o grasnar satanico dos obesos corvos que se divertem sobre as heroicas victimas prostradas e, como Prometheo, inermes.

Vós, quando, por um mero capricho, fizestes correr rios de ouro e mares do generoso sangue de milhares de nossos irmãos, vos aprazieis de ser Rei d'este desditoso Imperio que abriga em seu seio esses bravos, que valentes como leões desultrajaram a patria.

Hoje, aquelles mesmos bravos que recebiam a balla com o sorriso nos labios, perecem á fome e assim suas mulheres e filhos!

« A ingratidão é uma falta de probidade, uma baixaza, um delicto. »

E vós, Senhor, o que fazeis?

Escarneceis da miseria publica?

Cuspis na face da nação?

Demolís o futuro de nossa patria?

Não o cremos. Mas o vosso governo desmoralisado, desprezível, esbanjador, corrupto e dez mil vezes infame, despreza-nos!

Exautorei esses thugs esfaimados, se não que-reis mais tarde, expor-vos a soffrer o que a imbecillidade e indolencia proporcionaram a Luiz XVI.

Nós, Senhor, juntamos a nossa voz a de todas as imprensas livres e moralisadas, a das inditas victimas, que succumbem á fome, á sede e ao frio, e amaldiçoamos os vossos representantes!

Elles desprezam-nos e vendem a patria. São uns traidores!

Collocastes no ministerio um africano sem brios, sem entranhas, despido de sentimentos humanitarios, um delapidador, emfim, um mulato, que na fronte bronzeada traz cunhado o sello da infamia!

Pedimos, já não dizemos a cabeça, o exilio d'esse homem, mas a sua retirada, e isto em nome das tres provincias do norte immersas em afflicção!

Nós, isto é, o povo o recommendaremos á posteridade.

« Aquelle que não ama seu irmão é maldito sete vezes, e aquelle que se faz inimigo de seu irmão é maldito setenta vezes sete vezes. »

« Aquelle que despreza seus irmãos o remorso o segue quando marcha, assenta-se perto d'elle quando repousa, e não o deixa mesmo durante o somno. »

Salvae-nos, Senhor!

## Aos avarentos.

Opulentos ouvi-nos!

Viveis sob tectos dourados, sobre tapetes maziados de myriadas côres, recostaes vossas cabeças em selinosos travesseiros, dormis em colchões de primorosos bordados, enfeita vosso salão rica e preciosa mobilia, manjares esquisitos tendes sempre em vossas opiparas mezas, vinhos odoríficos e especiaes regalam vossos appetites, viveis immersos nos gozos, só pensaes em posições elevadas, grandezas sociaes n'este mundo de egoismo, e não lembrae-vos que gemem sob o peso da fome e da dôr numerosas familias, sem pão, sem lar, sem amparo, expostas ao frio, ao calor e a tudo quanto é mesquinho e desprezível, n'esta vida de transicção.

Corações tigreos, vorazes lobos, porque vos não compadeceis dos desvalidos?

Egoistas, porque não soccorreis tantas victimas?

Idolstras, porque rendeis culto ao ouro, á esse ouro, talvez, mareado de infamias?

Avarentos, porque não estancaes tantas lagrymas?

Grandes potentados, porque permittis que ante vós soffra o pae, a mãe, o filho e a esposa?

Famintos de gloria, quereis transpor o Hymalaya?

Hypocritas e pharisêos, porque fingis-vós, se á descoberto vê-se-vos um coração pequeno e vil?

Desempavonae-vos!

Pensaes que, se hoje sois grandes e orgulhosos,—amanhã sereis—pequenos, humildes e de vossa passada posição restar-vos-ha, apenas ligeira remeniscencia.

A fortuna, essa doce brisa que mansamente vos afaga, se tornará um medonho furacão e por terra vereis os castellos que orgulhosamente edificastes!

Esse placido lago de serenias aguas em que navegaes, se transformará em mar tempestuoso de encapelladas ondas, e vereis a olhos nus cerrarem-se os horisontes e sobsostrar um á um todos os vossos bateis, que foram construidos fóra das raias da caridade.

Esse delicioso nectar que alegremente serveis converter-se-ha em terrivel veneno que vos estragará as entranhas.

Lembrae-vos, ricos e potentados, que sois pó e vos tornareis á pó!

## Mais um athleta da liberdade.

Abrindo hoje espaço ao artigo abaixo de um nosso distincto amigo de Baturité, chamamos para elle a attenção dos leitores.

E' mais uma voz que se levanta em prol da causa santa que defendemos.

Eil-o:

BATURITÉ, 8 DE JULHO DE 1877.

Tomado da profunda commoção, que os grandes acontecimentos trazem ás almas, que d'ellas



são capazes, eu li, com reverencia e admiração, esses—primeiro e segundo numero do *Retirante*, fructo do mais acrisolado civismo, que, em verdade, só pôde derivar de almas puras, relembradas no crisol das mais difficeis provações.

Athletas da liberdade, phalange de nobres philanthropos, eu, humilde e desconhecido d'essa alta sociedade, que detesto, filho do povo, nascido para a liberdade, vos cumprimento e saúdo!!

A dôr, que trucidada, a miséria, que apouquenta e avilta; a fome, que enlouquece e mata aos vossos inditosos irmãos—a humanidade—vos commoveo?!

E' vossa a defeza dos desgraçados, que por solo habitavel tem a terra, por tecto o céu; por pão a indiferença dos Cesares, a desilusão, a dôr e a morte?!

E, n'esse elevado empenho, exprobaes a crueldade, fereza e canibalismo d'esses vilões inglorios, que se denominam—Rei e seu nefasto governo, sem temer da colera d'essa nova hydra de Lerna?!

Lembraes ao povo escarnecido, ludibriado, faminto e flagiciado—o dever de reconquistar a liberdade á que tem o mais sagrado direito?!

Fazeil-o conhecer que o segundo Pedro, qual outro Divino Caligula, estima em môr altura as bestas que no velho mundo pucham a sua auri-bordada berlinda, que á elle?!

Quanto esta gloriosa tarefa é grande, edificante e sublime?!

Que importa a marcha do *Retirante* o dissentimento da mediocridade gasta pela estupidez dos vicios?!

—Redactores do *Retirante*, vossa missão é sublime, e o vosso nome, do sacrosanto altar da patria em transitio pelas douradas paginas da historia, chegará gloriosamente aos céos!!

—Avante, avante, eu vos saúdo: amigos e defensores do povo, atletas da liberdade, avante, eu vos saúdo!!...

Filho do povo, e d'elle o mais obscuro membro, em seu nome vos louvo e agradeço o relevante serviço que lhe prestaes.

Por igual temos á vista o *Cearense* do 1.º do corrente, em cujo numero admiramos as *notas sobre a secca* e ao Sr. D. Pedro II o que diz—um monarchista.—

Tudo nos maravilha, infunde respeito e admiração. Temos a respeito d'aquelles escriptos somente a estabelecer uma comparação para notar a differença que nos separa dos povos cultos e civicamente livres.

Luiz XVI, homem á quem aliás a historia attribue justiça de intenções e mais attributos louvaveis, foi um dia responsabilisado no juizo da opinião de seu paiz pelos actos do seu governo.

Elle explicou-se, deo satisfação, que parecia accetavel; porém das effervescencia das opiniões, que se chocavam, da tormenta procellosa das idéas oppostas—tyrannia e liberdade, que, nascendo d'alma nacional, chegava ao juizo da opinião, ora semelhando hosannas aos anjos do Senhor, ora tornando-se tetricas e medonhas, que pareciam mais actos do demonio do homicidio em

sua sanguisedenta furia, do que amor á liberdade, de tudo isso, repetimos, elle concluiu, que se não podia mais sustentar; tremeo por sua mulher, por seus filhos, mais do que elle innocentes e até por sua propria cabeça.

Fugio! Era o que lhe restava!

Preso na ponte de Varennes, elle e sua imperial familia foram reconduzidos ás Tuileries, onde soffreram os ultimos opprobios.

Entretanto elle era justo e amigo do seu povo! Mas o genio da revolução, que, como diz um celebre escriptor, salta de todas as partes e por todas as portas, o considerava inimigo e tyranno do povo!

O autor dos escriptos á que nos referimos, fazendo côro com todos os bons patriotas, apresenta o Rei como o inimigo do povo, que elle considerava—seu gado (dizemos nós), entretanto, convidando-o para, em seu regresso, chegar até á nossa provincia.

O que ganharíamos com isso?

Certamente um inverno; mas de lagrymas do afflicto, que augmenta seus padecimentos comparando sua miséria com o fausto dos grandes, e mais ainda com a provocação aviltante do despreso do sabio viajante! Que differença?!

Como Luiz XVI, o segundo Pedro não é justo; não são os filhos do Brasil, que lhe dizem, não na fuga, mas no passeio:—rendei-vos; não vem reconduzido á S. Christovão para responder por cousa alguma; é irresponsavel e sagrado!

Vem, sim—ouvir os hymnos festivos, que, sobre o cadaver de desgraçados irmãos victimados pela fome, lhe entoam os degenerados filhos do Brasil!

E' justo e assim devia ser; porque o Brasil, não é a França!!...

O Rei não devia sahir; mas não foi sabendo que elle nos fez mal: fez e fará—é porque volta e volta—irresponsavel e sagrado como sabio!!...

Defensores dos inditosos do Brasil, vossas palavras escriptas no *Retirante* acham echo no fundo de nossa alma!

Publicae esse nosso protesto de adhesão, se vossa modestia o permitir; mandae-nos o vosso jornal e nós vos daremos informações convenientes.

## NOTICIARIO.

**Casas para retirantes.**—O governo tem ultimamente mandado erigir algumas palhoças ou propriamente ranchos, para abrigo de parte da população desvalida que emigra continuamente para esta capital.

Parece-nos de vantagem e lembramos a idéa de se mandar cobrir provisoriamente de palha a parte do edificio que se está fazendo para mercado publico na Praça do Marquez do Herval. Aceito este alvitre, deve resultar incontestavelmente não pequena economia para os cofres publicos.

A parte construida d'aquelle edificio, cujas

paredes já se acham em estado de receber madeiras, está dividida em compartimentos, tendo cada um a competente sahida para os lados do exterior. Assim, não se tendo de fazer despeza alguma com esteios e outros artigos de construção indispensaveis para fechar em roda esses casebres, como se está fazendo presentemente, podem ser aproveitadas ali não menos de vinte casinhas sem comunicação interior e independentes umas das outras, para se abrigarem igual numero de familias arranchadas debaixo de cajueros e outras arvores, sujeitas as intemperies de uma estação rigorosa que nos trouxe a fome e a peste.

Colocado como se acha aquelle edificio dentro do perimetro da cidade, lugar muito arejado e portanto hygienico, com mais facilidade e promptamente poderão ser soccorridos esses infelizes retirantes carecedores do pão da caridade publica.

**Ação louvavel.**—Acaba a distincta directoria da companhia brasileira de navegação á vapor de praticar um acto de verdadeira e elevada benemerencia, que a torna recommendavel no paiz.

Poz, gratuitamente, á disposição dos famintos e expatriados retirantes, que aqui aportassem e quizessem seguir para o Pará, em busca de trabalho e pão, 200 passagens, pagando somente o passageiro as despesas de comedia.

Por conta d'essas passagens já seguiram para aquella procedencia, a bordo do vapor *Pernambuco*, 112 emigrantes.

Nós, em nome da provincia e dos beneficiados, vos bembizemos.

**Encalharam no secco!**—Os generos, que por ordem da presidencia da provincia seguiram d'aqui para o Acaracú com destino á diversos lugares do centro, estão depositados no armazem do Sr. Paulo José Rodrigues, por não achar carreiro que os queira conduzir pelo preço de 35\$000 a 40\$000 por carrada.

O gorgulho está engordando ao mesmo tempo que o povo do centro está morrendo de fome.

O governo d'esta Turquia americana só tem actividade para cobrar impostos, fabricar deputados e crear repartições e empregos publicos para arranjar os filholes.

Pedimos ao Sr. Estellita, em nome dos famintos, que dê ordens mais amplas para o Acaracú, afim de não apodrecerem ali os generos destinados á diversas localidades centraes.

**Horrores da secca!**—Sob esta epigraphie o *Cearense* de domingo passado dá a seguinte noticia, que em data de 2 do corrente lhe foi transmittida de Lavras pelo Sr. Manoel Carlos de Moraes:

« Já se morre de fome n'esta freguezia! Hontem no sitio Siqueira morreram quatro creanças de fome!

« Que é dos soccorros para esta infeliz terra? E' horrorosa nossa situação! »

—O *Baturité* dá tambem a seguinte noticia: « O seguinte facto foi-nos referido por pessoa fidedigna:

« Acoçada pela fome, abandonou a sua casinha uma mulher, conduzindo consigo uma creança de poucos mezes de idade.

Dirigia-se á esta cidade com o fim de esmolar a caridade dos fieis, mas sendo distante a sua morada, aconteceu não conseguir atravessar a distancia ardente e abrasadora de nossos sertões. Foi encontrada tres dias depois, por outras pessoas que tambem se retiravam, estendida na estrada com a innocente creança agarrada em seu peito e ella já cadaver!!

Que quadro contristador e horrivel! A mãe já cadaver e a innocente filhinha ainda procurava alimentar-se em seu seio! »

São mais cinco victimas que se extinguiram, assassinadas pelo governo!

No entanto, o Sr. Cotegipe e seus adutores continuam a dizer—que não se morre de fome!

Deus queira que ella não lhes chegue tambem por casa.

## UM POUCO DE TUDO.

*A's senhoras cearenses.*—Com este titulo distribuiu-se quinta-feira ultima, n'esta cidade, um avulso, impresso em forma de annuncio de mercadorias baratas, assignado por tres entidades desconhecidas, tres individuos dignos um do outro; são elles—Padre João Augusto da Frota, José Nicolau Affonso Maia e José Joaquim Telles Marrocos!!!

Que trindade! Que terno de catholicos! Pedem estes religiosos retirantes esmolas para as casas de caridade de Sobral, Sant'Anna, Crato, Barbalha, Missão-Velha e Milagres, as quaes já são estipendiadas pelos cofres publicos, pelo que não precisam do obulo particular.

Estranhou-nos ver no referido avulso a catholica assignatura do catholico José Maia, quando sabemos que a casa Maia & Irmãos, de que sua reverendissima é socio, negou-se a dar um metro de panno á uma commissão, que andava agenciando fazendas para cobrir a nudez dos retirantes.

Não achamos má a idéa; mas supponmos que ella não vingará, visto não merecerem confiança os nomes dos dous ultimos catholicos.

Entretanto seria mais conveniente que a religiosa commissão recorresse ao caridoso diocesano: estes negocios de orphãs só com elle e o cardinal Albanelli.

O meio de que lançaram mão é pessimo. As senhoras cearenses estão calejadas, e ainda não se esqueceram do celebre bazar expositor que um mitrado pretendeu fazer em favor de um jornal catholico, hoje fallecido, e cujos donativos adquiridos ainda não se sabe qual o fim que tiveram.

Outro officio, meus santarrões: o tempo das esmolas para S. Pedro já se foi; morreu no começo da secca.